

# A Nova Economia é os desafios e oportunidades para o Brasil

José Eduardo Lampreia\*

“Veja agora como estão os índices das principais bolsas de valores do mundo...”. Esse bordão é repetido 24 horas por dia, em todos os telejornais, informando o comportamento dos mercados, de Kuala Lumpur a Londres, do Rio de Janeiro à Coréia do Sul, e aparece tal e qual o noticiário esportivo, político ou policial, nos “breaks” mais importantes dos programas de notícias.

Apesar de atingir quantitativamente um número expressivo de espectadores, qualitativamente a audiência reduz substancialmente, chegando apenas àqueles que fazem da informação a matéria-prima do seu trabalho.

Para alguns teóricos da globalização e articulistas com visão generalista, o conceito de Nova Economia tem á sua origens: a informação que circula rapidamente, gerando uma enorme rede de negócios, o transporte virtual de idéias e elevados índices de produtividade, entre outros.

Para melhor entendimento da Nova Economia global, seus desafios e oportunidades para os países em desenvolvimento - ou emergentes - é necessário, entretanto, aprofundar mais os dois conceitos na busca de possíveis intersecções e congruências.

Em primeiro lugar, a expressão “Global” não parece apropriadamente colocado junto à Nova Economia, posto que, apesar da interdependência dos países ditos desenvolvidos, alguns aspectos conjunturais, como, por exemplo, os da União Europeia diferem dos do Japão que, por sua vez, diferem dos do Canadá e do próprio Estados Unidos.

Neste sentido, pode-se afirmar que a Nova Economia, como modelo econômico, nasce nos Estados Unidos, porque só lá se forjaram as condições objetivas para seu desenvolvimento: a inovação tecnológica gera aumento da produtividade do capital. Como consequência, um maior rendimento do capital incrementa os investimentos e o emprego, permitindo uma taxa mais elevada de crescimento, sem aumento da inflação.

Um dos maiores entusiastas da Nova Economia é o presidente do Federal Reserve (FED), Alan Greenspan, a quem o professor de Harvard, N. Gregory Mankiw, considera um “otimista tecnológico”: “talvez a revolução do ciberspaço tenha alcançado a economia a novas e insuspeitáveis alturas (...) Sem muito parâmetros de avaliação é difícil rejeitar essa teoria. Mas existe mesmo a certeza de que o impacto do computador é maior do que o de tecnologias que vieram antes, como a eletricidade, o telefone, o motor de combustão interna? Economistas que analisaram a fundo os indicadores não vêem grandes mudanças no crescimento da produtividade, exceto na fabricação de computadores. Talvez a atual revolução nos impressione porque é nossa”.

Mas, de volta a Alan

Greenspan, há que se considerar que o presidente do FED transformou-se numa das personalidades mais poderosas do planeta, com poder de levantar ou derrubar mercados, da mesma forma que o presidente Bill Clinton, comandante supremo das forças armadas norte-americanas, garante o poder hegemônico dos Estados Unidos no mundo.

A certeza desta conjunção soberana forma base do modelo econômico norte-americano: um círculo virtuoso em que confiança gera mais confiança.

A velocidade do processo de evolução da Nova Economia pode ser medido de duas maneiras: o crescimento da população e da produtividade que, de 1% ao ano entre 1973 e 1975, sobe

p a -

Nesse sentido da empregabilidade há um direcionamento para a negociação salarial, em troca da estabilidade no emprego, o que, aliada aos níveis baixíssimos de inflação, ocasiona a elevação nas margens de lucro.

Mais uma vez, a confiança na economia norte-americana aparece no “casamento” da inflação baixa com altíssimos lucros, na continuidade da mudança tecnológica e na confiança na estabilidade futura dos consumidores e investidores.

Entretanto, ao se falar em Nova Economia, o tiroteio é intenso entre os favoráveis e os que vêem esse momento como a Economia da Bolha, em que os valores dos ativos estão inflados, mas pela expectativa de que

é uma transferência do debate econômico do campo da macroeconomia para a microeconomia. O nível técnico/político do embate assusta aos não-economistas, talvez porque a maioria dos próprios economistas não conseguem enxergar com clareza o futuro, ou pior, cada “think tank” vê o seu.

## Conseqüências

No entanto, quais as consequências para o resto do mundo se o boom norte-americano se transformar num bum? Como atingiria objetivamente os países em desenvolvimento?

Para uma pergunta difícil, uma resposta difícil.

O professor Luciano Martins, em artigo recente em que discute a posição dos países emergentes no contexto das transformações globais, utiliza dois argumentos, não somente econômicos, na análise do problema,

como forma de proteger as questões nacionais, que soam como desafios e oportunidades, principalmente no que tange ao modelo brasileiro.

Em primeiro lugar, é preciso ter bem claro quais são os interesses nacionais no contexto mundial. Ao mesmo tempo, propõe uma ação conjunta entre a política, a economia e a diplomacia em dois planos simultâneos:

- Diversificação das alianças táticas bilaterais com os atores principais (empresas ou países), assim como o estabelecimento de alianças “ad-hoc” com outros atores nas arenas multinacionais.

- Consolidação de alianças estratégicas em nível regional, através de acordos econômicos e políticos, com cuidado para não envolver uma relação desproporcionalmente assimétrica de poder entre as partes.

O nível de argumentação nos conduz a uma proposta de alargamento e aprofundamento com outros países e blocos econômicos, buscando desatrelar a economia brasileira, em processo de crescimento, das oscilações de confiança e dos ajustes da economia norte-americana, que as previsões indicam que virão.

O Brasil, como País emergente e, portanto, sujeito às consequências de futuros traumas em seus interesses nacionais pode e deve buscar obter o máximo de proveito na coordenação de suas políticas macroeconómicas, principalmente em relação ao Mercosul, à União Europeia e ao estreitamento de relações bilaterais com seus iguais.

Não se trata de recomendação “médica”, mas pode significar fôlego suficiente para suportar uma aterrissagem mais suave da economia norte-americana e conquistar o que parece ser hoje o bem mais escasso nos modelos econômicos do final do milênio: a credibilidade e a confiança.

ra 2% nos anos seguintes.

Para o presidente do FED, as características do sistema econômico dos Estados Unidos têm início com o processo “schumpeteriano” da destruição criativa: “os equipamentos, o processo de produção, infra-estrutura do mercado financeiro e de trabalho e o conjunto de instituições privadas são os compostos da economia de mercado, que gera uma evolução para regimes mais eficientes. O patrimônio e o nível da capacidade da força de trabalho crescem na medida em que a competição pressiona a administração empresarial, forçando-a a encontrar meios, cada vez mais inovadores de atender ao consumo.”

Em suma, a receita ideal: crescimento acelerado, inflação mínima e desemprego mínimo.

## Produtividade

A estabilidade no mercado de ações, consequência natural, aumenta ainda mais a confiança no sistema e implica, também, queda no custo do capital. Por sua vez, acelera-se o ritmo de investimentos em computadores e telecomunicações.

Esse processo é o espelho do aumento da produtividade na economia norte-americana que, se num primeiro momento gera desemprego, num segundo, esse “exército industrial” é reaproveitado quando da abertura de novas fábricas.

outros pagará o preços maiores

do que por uma avaliação inteligente do valor verdadeiro.

De todo modo, há uma crença comum de que um ajuste na economia norte-americana poderia afetar o mundo todo, visto que, desde a crise da Ásia em 1997, os Estados Unidos vêm sustentando sozinhos o crescimento mundial.

O Fundo Monetário Internacional (FMI), em seu último relatório, aponta quatro possibilidades de ajuste:

1 - aumento na inflação, levando o FED a puxar as taxas de juros, o que diminuiria o investimento produtivo;

2 - continua a desvalorização do dólar, em função dos grandes déficits externos, acarretando o aumento da inflação e dos juros;

3 - queda acentuada da bolsa de valores norte-americana, que é o motor do alto consumo e do crescimento econômico; e

4 - corte de impostos, para manter o crescimento a curto prazo, aproveitando o superávit orçamentário.

A Nova Economia adquiriu, também, uma conotação consumista e de farta distribuição de melhor qualidade de vida para os povos do mundo. Principalmente para os entusiastas do “e-commerce”, onde tudo se compra e se vende: de carros a ações na bolsa de valores, sem intermediação de corretores.

O que se percebe, entretanto,